

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Engenheiros Sem Fronteiras transformam vidas no Estado

ONG realiza o projeto “Banheiro, Direito da Gente”, que leva dignidade e acessibilidade a comunidades vulneráveis da Grande Porto Alegre

Sofia Paiva
sofiap@jcrs.com.br

Em um ano de execução, o projeto “Banheiro, Direito da Gente”, desenvolvido pelo núcleo porto-alegrense da ONG Engenheiros Sem Fronteiras (ESF), transformou a realidade de 43 famílias em nove comunidades espalhadas pela Região Metropolitana Porto Alegre, e pretende aumentar o alcance para 55 famílias até o final do projeto.

O programa não tem como intuito apenas reformar o espaço de higiene pessoal dos lares, mas restabelecer e fortalecer o direito à dignidade das pessoas, “para que elas possam ter segurança em suas moradias, principalmente na parte do saneamento básico”, afirma a diretora-geral do núcleo, Clívia Silva.

Em funcionamento desde 2016, o ESF-POA – um dos 31 núcleos da ONG no País – impactou a vida de 25 mil pessoas nesses 10 anos. De iniciativas simples a reformas complexas, os principais projetos são voltados a melhorias de infraestruturas, com



Em ação desde 2016, a ONG já impactou a realidade de 25 mil pessoas da Região Metropolitana de Porto Alegre

foco em populações socialmente vulneráveis. “A gente melhora os espaços, desde a construção ou melhoria de uma associação de uma comunidade, até casos pontuais de pessoas que estão com dificuldade na regularização de suas moradias”, diz Clívia.

A iniciativa atual, que tem ocupado o maior número de voluntários da ONG, “Banheiro, Direito da Gente” está em operação desde julho de 2025 e tem previsão de término para este mês. O programa foi idealizado pelo Instituto Koinós, que financia as ações, e tem parceria com a Margem Lab, programa de pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs).

A ação conjunta resultou em algo maior que o esperado. “Eu posso afirmar que 90% dessas famílias não receberam apenas o banheiro, mas tiveram suas casas praticamente reconstruídas”, aponta a diretora-geral. “Teve casa que a gente precisou demolir uma parte e refazer. A pessoa ia perder a cozinha, aí reformamos a cozinha e o banheiro também.”

Os ESF-POA tem seus projetos requisitados de forma mista, podendo ser através de pedidos de ajuda vindos de associações de bairros ou convites de parceria com instituições financeiras. A ONG reconhece e sempre deixou claro não ser uma instituição que

financia os próprios projetos. Na maior parte das vezes, a comunidade ou associação já possui um valor inicial e, em caso de parceria, a instituição parceira faz doações fixas pelo tempo do projeto.

Atualmente, o Instituto Koinós doa o valor necessário para que as reformas dos banheiros – e muito mais – se realizem. Com os valores doados, seja de forma fixa ou pontual, além das obras, a ONG é capaz de cobrir os próprios custos, ajudar pessoas individualmente e investir em equipamento próprio.

“Nunca tivemos dificuldades financeiras por não termos custos fixos. Uma dificuldade que enfrentamos é dentro do próprio

voluntariado”, aponta a diretora. Clívia explica que algumas pessoas não compreendem a verdadeira responsabilidade atrelada ao trabalho voluntário. “O descaço acaba causando um cansaço nos voluntários que estão atarefados com outras funções. Acreditamos tanto na causa que, às vezes, acontece de abdicarmos de outros compromissos próprios para não faltar com a ONG.”

Composta por 22 voluntários fixos, entre estudantes e profissionais formados de múltiplas áreas, a ONG divide os seus seis setores em diretoria geral, de projetos e de pessoas, comunicação, jurídico e financeiro. Tendo como norte o intuito de mudar a vida das pessoas, os Engenheiros Sem Fronteiras também impactam a vida de quem se doa à causa.

“Uma coisa que eu gosto muito de falar para os voluntários, que são estudantes, é que eles aproveitem essa oportunidade de conhecer essa parte da graduação, da Engenharia, que nenhuma universidade mostra.”

Clívia defende que as experiências derivadas do trabalho voluntário trazem um novo olhar à profissão, ensinando o poder transformador da engenharia social e como o trabalho coletivo é capaz de levar a cidadania e dignidade às famílias que têm o acesso aos seus direitos constitucionais restringidos, como o direito à moradia, à segurança e ao saneamento básico.

‘Banheiro, Direito da Gente’ amplia acessibilidade e autonomia para famílias



Obras são possíveis graças a recursos como os doados pelo Koinós

Júlia Mendes, mãe solo e chefe de família, tem 43 anos e foi uma das beneficiadas pelo projeto “Banheiro, Direito da Gente”. Júlia vive com a mãe, Maria Noeli, de 70 anos, e o filho, Michel, de 14. O adolescente é cadeirante, nascido com uma má formação descoberta durante a gravidez, condição que nunca o impediu de ser um jovem enérgico, que busca por sua privacidade e autonomia, segundo Júlia.

Moradora do bairro Sarandi, em Porto Alegre, Júlia relata que conheceu o projeto dos Engenheiros Sem Fronteiras (ESF) em uma reunião realizada na Cooperativa de Costureiras Unidas Vencemos (Univens), onde ela trabalha. A Univens foi procurada justamente por ser uma associação liderada

e constituída por mulheres, já que o objetivo do Instituto Koinós, que doa os recursos para a realização das obras pela ONG ESF-POA, era ajudar, em especial, lares chefiados por mulheres.

“Eu tinha banheiro”, explica Júlia, “mas comentei que, se eu pudesse, gostaria de participar, principalmente por causa do meu menino. O meu banheiro era muito pequeno para ele, eu não podia ajudar e ele se machucava”, conta, emocionada, ao lembrar da reforma, que aconteceu em meados de abril.

“Eu não teria condições de fazer, por ser muito caro. Ganhamos isso de gente que nem conhecíamos. Foi bem emocionante, esse banheiro veio como uma benção”,

desabafa Júlia. Os voluntários aumentaram o espaço do banheiro antigo, incluindo instalações de acessibilidade, como barras para apoio e espaço para a cadeira de Michel. O banheiro, conforme Júlia, trouxe mais autonomia e individualidade para seu filho. Além disso, a ONG providenciou uma nova bateria para a cadeira motorizada de Michel.

“A bateria estava estufada, correndo o risco de explodir. Foi outro sonho ganhar uma nova”, diz ela. A diretora-geral do núcleo porto-alegrense dos ESF, Clívia Silva, conta que, às vezes, não é apenas considerar as mudanças de infraestrutura necessárias, mas sim, ver, ouvir e entender as necessidades das comunidades em que atuam.